



Meu Japão brasileiro

Os sonhos e os dramas dos nikkeis, descendentes de japoneses que deixaram o Brasil para tentar a vida do outro lado do mundo – e que agora, com a crise global, começam a voltar.



Muitos brasileiros ainda vivem na cidade de Hamamatsu. No início dos anos 1990, o governo japonês começou a

oferecer vistos de trabalho aos descendentes, que dispunham de empregos no setor industrial.



Ariane Hayasaka, de 30 anos, banha a filha na pia do apartamento em Chiryu. Apesar de estar no país há 15 anos,

ela ainda sente as diferenças. “Nada se compara à solidão que senti logo que desembarquei no Japão”, diz.

Por Nadia Shira Cohen

Fotos de Paulo Siqueira e Nadia Shira Cohen

OS JOVENS MILTON E Rodrigo Ishiy acompanham o ritmo da música sertaneja. Tocam seus violões concentrados; palavras em português escapam de seus lábios na melodia. A cena seria corriqueira no interior de São Paulo, mas parece deslocada porque ocorre, rigorosamente, do outro lado do mundo – em Hamamatsu, no Japão. Milton e Rodrigo são inconfundivelmente brasileiros em suas maneiras, mas os olhos puxados e amendoados revelam a ascendência japonesa. Os dois são herdeiros de mais de um século de imigração e assimilação cultural entre os dois países. São nikkeis.

O tataravô de Milton e Rodrigo, massagista, veio do Japão para o Brasil, em 1924, e mudou para sempre o rumo de sua vida e da sua família. Parte de uma geração pioneira de imigrantes, Saburo Ishiy, oriundo de Hiroshima, deixou seu país – na época não tão rico e próspero como hoje – e jamais olhou para trás. Foi morar na cidade paulista de Lins e, embora nunca chegasse a dominar com fluência o português, assimilou bem a vida brasileira. Aproveitou as oportunidades oferecidas pelo governo para se tornar agricultor – os orientais formaram um dos grupos de estrangeiros que substituíram a mão de obra escrava nas lavouras de café. É bem possível que Saburo também tenha escapado de ser morto pela bomba que devastou sua Hiroshima 20 anos mais tarde, um episódio que estimulou outro êxodo em massa do Japão para o Brasil.

Mais de 100 anos depois dos pioneiros, o Brasil abriga hoje a maior colônia japonesa do mundo. Mas um caminho de volta começou



O entra e sai de grandes navios cargueiros e as chaminés das fábricas marcam a orla da cidade portuária de Handa (acima). Outras cidades japonesas com importantes zonas industriais (mapa) abrigam colônias de trabalhadores de origem brasileira.





Dia de lazer: em Toyota, no estádio de beisebol do conjunto habitacional Homi Danchi, uma família de nikkeis brasileiros comparece a um festival com apresentações culturais, sorteios e comidas típicas.

no início dos anos 1990, quando o Japão, agora o terceiro país mais rico do mundo, tinha uma economia em franco crescimento. Precisava de operários para mover suas prósperas fábricas, já que grande parte dos 126 milhões de japoneses de então rejeitava esse tipo de trabalho – os pais incentivavam os filhos a estudar, em busca de uma carreira no setor empresarial. Assim, logo ficou evidente ao governo que, para mover a economia em expansão, seria preciso recrutar estrangeiros.

Os japoneses sempre foram desconfiados de forasteiros, um comportamento natural para um povo que permaneceu isolado do mundo por cerca de 300 anos, do século 16 ao 19. Porém, corriam pelo país histórias sobre enclaves de colônias nipônicas no Brasil que preservavam rigorosamente sua cultura. Quando agentes do governo vieram observar comunidades como a do bairro da Liberdade,

em São Paulo, a lógica da migração inversa logo ficou clara: em vez de franquear o Japão a quaisquer estrangeiros à procura de emprego, seria melhor incentivar aqueles que já tinham uma herança japonesa. O país, então, passou a oferecer visto de trabalho a brasileiros de origem japonesa até a terceira geração – ou seja, netos de filhos de imigrantes no Brasil.

Os nikkeis, descendentes nascidos fora do Japão, começaram a seguir em massa para a terra de seus antepassados, quase sempre para trabalhar no enorme cinturão de fábricas no centro do país. Parecia a chance de uma melhor qualidade de vida, mas o começo não foi fácil para ninguém. “Nada se compara à solidão que senti logo que desembarquei”, confessa Arianne Hayasaka, mulher de Milton Ishiy. “Eu tinha 16 anos, e o meu primogênito, Wesley, apenas 1. Minha mãe, que já estava no Japão, me aconselhou a vir também. Só que eu



Adeptos participam de um ritual de umbanda, prática religiosa que combina cultos africanos com o catolicismo. Os nikkeis se identificam a origem brasileira, apesar da distância cultural entre os dois países.

não tinha dinheiro para pagar por creche aqui. E Wesley teve de ficar no Brasil.”

Apesar de os nikkeis rapidamente ocuparem os postos de trabalho vagos, o governo japonês talvez tenha sido idealista demais em seu experimento cultural. Embora, em teoria, o plano fosse até progressista, a realidade da imigração ficou longe de atender às expectativas. Os que imigraram não eram os guardiões da cultura oriental no Brasil – ou seja, as gerações mais velhas que tinham conseguido preservar idioma e costumes. Eram, na verdade, jovens completamente “abrasileirados”, bem mais afeitos à música, à comida e ao idioma do Brasil do que os japoneses haviam calculado. A atitude polarizadora e hostil a estrangeiros no país só ajudou a consolidar ainda mais o isolamento dos brasileiros em seu universo cultural. O resultado foi um tremendo choque de tradições, que muitas vezes levou ao

preconceito e à marginalização. Um exemplo: em geral, os japoneses são quietos e reservados, diligentes em sua rotina diária. “Quem perturba esse modo de vida é malvisto”, diz Marcello Sudoh, chefe do Apoio à Comunidade Brasileira no consulado em Tóquio. “Os brasileiros adoram ouvir música em alto volume enquanto fazem churrasco aos domingos. Também não separam o lixo direito. Passaram a ser vistos como um problema.”

“A sociedade japonesa é fechada, e certas ocupações são tabu, não podem ser alocadas a estrangeiros”, emenda Arianne, que, no Brasil, trabalhava em funerárias, mas não conseguiu se manter na atividade e logo foi parar nas fábricas. Seu filho Wesley, hoje com 14 anos, enfim viajou para o Japão, há quase três anos. Depois de ter sido criado pelos avós, é fácil imaginar o tormento de voltar para a casa da mãe, ainda por cima em outro país.



Um membro da comitiva Os Marvados – que preserva hábitos como o churrasco e a música sertaneja – dirige sua van, com seis aparelhos de TV, pelas ruas de Handa. Alguns nikkeis possuem no Japão um padrão de conforto que não poderiam ter no Brasil.

Como a maioria dos adolescentes, Wesley só quer saber de garotas. A escola fica em segundo plano. Desanimado, ele conta que não aprende grande coisa nas aulas em japonês.

O obstáculo da língua define uma geração marginalizada, com crianças que abandonam os estudos porque não se integram às escolas japonesas – e, portanto, à sociedade local. Para atenuar um ciclo de abandono escolar, a família Fuji, nikkei, decidiu, em 1996, fundar uma escola brasileira em um conjunto habitacional na cidade de Toyota. Teresinha Fuji começou a lecionar em seu apartamento nesse complexo de prédios, o Homi Danchi, onde até hoje a maioria dos moradores é de imigrantes que trabalham na Toyota ou em fábricas que fornecem peças à companhia. “O objetivo era educar crianças em risco de resvalar em abismos na sociedade japonesa e também prepará-las para um eventual retorno ao Brasil”, conta Teresinha. A pequena escola do passado agora é uma instituição reconhecida pelo governo, com várias unidades em cidades de população brasileira numerosa.

A MAIORIA DAS FAMÍLIAS que foram para o Japão no início dos anos 1990 já tinha planos de retornar ao Brasil antes mesmo de desembarcar em solo japonês. O objetivo dessa geração era dar duro em uma longa jornada, ganhar bem e voltar à terra natal em condições financeiras mais confortáveis. Esse tempo passou.

A enorme crise financeira que começou a sacudir o mundo em 2008 coincidiu com o nascimento de Sarah Ranguí. Pouco tempo antes, os pais de Sarah, Erika e Wellington, ambos nikkeis, tinham investido todo o dinheiro que ganharam na fábrica em uma academia de ginástica, mas houve problemas na regularização da propriedade. Erika engravidou de Sarah pouco depois, e a família, para sobreviver, passou a fazer qualquer trabalho.

Quando Erika foi do Brasil para o Japão, tinha 2 anos de idade. Vinte e sete anos depois, ela é a única brasileira formada em direito em solo japonês. O problema é que, enquanto ela cursava a faculdade, mudaram as regras para a



A própria arquitetura reproduz um modelo industrial na fachada de um prédio típico de Chiryu. Além de famílias de imigrantes, este tipo de moradia abriga japoneses de baixa renda.

prática da advocacia no país, e Erika agora precisa estudar mais alguns anos para ser credenciada. Embora anseie por trabalhar na área em que se formou, pagar por essa educação suplementar é um luxo ao qual ela e o marido não podem se dar. O casal não está sozinho em suas dificuldades: houve cortes de milhares de empregos nas fábricas. Muitos ficaram desabrigoados, pois sua moradia estava vinculada ao empregador. “Pessoas dormiram embaixo de pontes no auge da crise”, diz Lissa Kikuyama, da Fundação Hamamatsu para Comunicações e Intercâmbios Internacionais (Hice), organização que oferece aulas de idioma e ajuda imigrantes a encontrar emprego no país.

Como, no Japão, o seguro social pode equivaler a um salário, é comum haver abuso de segurados, sobretudo nas comunidades estrangeiras. Nos anos seguintes à crise, para evitar sobrecarga no sistema previdenciário,

que dava sinais de estar socorrendo em massa a colônia brasileira, o governo japonês pôs em prática um plano radical. Decidiu dar aos imigrantes com visto de trabalho 3 000 dólares por chefe de família e 2 000 por indivíduo, além de passagens aéreas para voltar ao Brasil. Um novo visto poderá ser emitido depois de três anos, ou antes, caso a economia melhore e vagas de trabalho sejam abertas.

Muitos receberam o dinheiro e voltaram ao Brasil. Em razão do plano e da atual escassez de empregos, a população de nikkeis diminuiu para 300 mil, uma queda de 30%. Agora, os contratos de trabalho, quando existem, são apenas temporários, às vezes por períodos de apenas um mês – uma brecha na legislação que os empregadores encontraram para se livrar de pagar o seguro-saúde. “As crianças são as mais prejudicadas por essa instabilidade”, comenta Lissa, da Hice. “Os pais andam esgo-



Thais Letícia de Souza Lizita brinca com seu filho, Cauã, enquanto sua filha, Jade, olha pela janela. A família mora em Homi Danchi, um conjunto habitacional em Toyota que é lar de muitos brasileiros.

tados, tentando sempre descobrir como pôr comida na mesa. Sujeitam-se a jornadas mais longas, ganhando menos. Não têm tempo nem energia para ajudar os filhos em problemas como o bullying, que grande parte das crianças brasileiras sofre em escolas japonesas.”

A despeito das atuais dificuldades na economia e das inerentes idiosincrasias sociais, muitos brasileiros ainda creem que experiência no outro lado do mundo compensa. Para eles, o futuro da família é sempre a prioridade. “Não quero ver meu filho correndo o risco de usar crack. Prefiro trabalhar numa fábrica pelo resto da vida para que ele tenha oportunidades e viva em um ambiente seguro. A vida no Brasil é mais agradável, mas o futuro está aqui”, resume Milton Ishiy.

Embora, hoje em dia, os brasileiros possam trabalhar diretamente para firmas japonesas, a maioria continua a depender dos contrata-

dores, empreiteiros responsáveis por buscar mão de obra para as fábricas. “Meus contemporâneos estão acomodados demais”, diz Kenji Gondo durante uma refeição de atum cru e chá-verde. “As empresas percebem isso.” Kenji, natural de São Paulo, foi para o Japão em 1989, antes ainda da assinatura do acordo nipo-brasileiro. Tinha espírito aventureiro. Trabalhou por uma semana em uma fábrica logo ao chegar, até que seu chefe descobriu

SAIBA MAIS

edição digital

VÍDEO

Viagem em família

O casal Paulo Siqueira e Nadia Shira Cohen mostra sua ida ao Japão com o pequeno Rafael – compartilhando a experiência de criar filhos com pais nikkeis (à direita).



que ele era fluente em japonês, promovendo-o a contratador – função na qual continua.

“Os brasileiros não progridem na sociedade japonesa”, diz Kenji. Empregados mais baratos e melhores estão chegando para substituí-los, a maioria de países asiáticos, como a Indonésia. O próprio Kenji admite: há contratadores que se aproveitam de imigrantes humildes. Mas, diz ele, boa parte dos malentendidos em torno de trabalho e dinheiro se deve a informações errôneas dadas pelas agências no Brasil que coordenam os empreiteiros.

“É como uma máfia”, me conta Milton, em seu pequeno apartamento de dois dormitórios em Chiryu. “Quando fiquei doente e não pude trabalhar, não tive nenhum apoio. Nem mesmo meu emprego estava garantido.”

NA CIDADE DE TOYOTA, o Homi Danchi permanece um microcosmo, uma bolha brasileira em meio à uniformidade japonesa. Garotos desfilam pelas ruas com o penteado do jogador Neymar. O cheiro de arroz, feijão e bife impregna os corredores dos espremidos prédios de apartamentos, e novelas brasileiras passam o tempo todo nos televisores de tela plana.

Nos arredores do condomínio, a comitiva Os Marvados do Clube Sertanejo promove churrascos no parque ou à beira do rio. Vestidos como caubóis, eles cantam e usam *hashi*, o talher de madeira oriental, para pegar linguiça na grelha. O idioma português é dominante, mas as mulheres tagarelam ao telefone em um japonês impecável, em geral a primeira língua de seus filhos pequenos, que nunca estiveram no Brasil. Talvez não exista mais um modo de descrever os nikkeis, e esses eventos sejam um retrato contemporâneo da mistura de etnias e imigrações no decorrer dos anos.

“Meus pais escolheram o caminho fácil quando deixaram o Brasil”, diz Erika Ranguí, em sua casa no Homi Danchi. “Meus avós também, quando deixaram o Japão. Agora, diante das dificuldades atuais, quero que minha filha, Sarah, de 6 anos, e Sakura, de 10 meses, rompam esse ciclo e aproveitem as chances que estamos lhes dando no Japão.” □



Nas ruas de Chiryu, a camisa verde-amarela da seleção brasileira de futebol logo aponta a ascendência do garoto. Com a crise econômica, muitos nikkeis receberam incentivos do governo japonês para voltar ao país de origem.